

# 1

No Verão de 2023, a erva continuou a crescer como se nada fosse: como se tivesse de ser assim, ela crescia, a erva, como se tivesse a intenção de mostrar uma vez mais que, por muito que matassem na superfície da terra, ela tencionava persistir no seu desejo de se mostrar nesta terra. A sua cor era, talvez, um pouco mais pálida do que o costume, e privou-se quase de imediato da simplicidade leitosa dos primeiros dias, mas isso não a incomodava. Pelo contrário, a escassez de água forçava-a a agarrar-se ao chão ainda com mais força e a disparar para cima amplos rebentos, secos ainda antes de atingirem o limite do seu crescimento.

No Verão de 2023, registou-se o dia mais quente de todos os dias vividos pelo planeta Terra na história das observações humanas. É de crer que isso ocorreu da seguinte maneira: gerações de cientistas liliputianos aplicaram-se ao estudo do gigantesco corpo dela, medindo-lhe a temperatura de dia e de noite, controlando a evaporação que se lhe apresentava na testa, observando com prazer os trechos do corpo que estavam mais frios. E registavam tudo isso no diário, achando pelos vistos consolo em que dormisse e respirasse regularmente, que os anormais picos de calor e de frio em breve seriam substituídos por aquilo que podemos considerar temperatura normal, e os cabelos e as unhas dela também estariam em ordem — tanto quanto isso é possível numa pessoa que há já muito, muito tempo se mantém imobilizada e permite que lhe façam tudo aquilo que quiserem. É possível que, mentalmente,

ela tenha passado a qualquer outra condição, em que nós não lhe provocamos nem inquietação nem ira — e ela se considere a si própria, por exemplo, uma estrela, inteiramente invadida pelo fogo e pouco a pouco queimada. Ou então uma prega de matéria sem limites nem fronteiras e por isso indiferente a tudo, como uma cortina teatral no escuro. Ou, quem sabe, diverte-a a ideia de que nós não esperamos dela nada de novo, contando as doses diárias e anuais de leite e de mel, como as crianças que correm de manhã para a cozinha, sabendo o que as espera para o pequeno-almoço. Ei-las, a bocejar, à espera enquanto a mãe lhes coloca à frente as tigelas brancas com o iogurte e os *cornflakes*: e que tal se deitasse ali escorpiões, moscas do estrume, larvas a rabiar? Que tal se ligássemos todos os radiadores, de modo que na cozinha não se conseguisse respirar, lançássemos pela janela uma chuva de rãs que patinhassem contra a vidraça, iniciássemos uma caçada aos primogénitos? Podemos entreter-nos muito tempo com este jogo, e pode-se iniciá-lo com pequenas mudanças, desde a erva, que murcha fora de tempo, aos comboios, que de repente se esquecem de circular pelos horários, e ora se atrasam longas horas, ora por qualquer motivo se precipitam com uma velocidade excessiva e depois ficam parados, especados no meio do campo, à espera de que seja possível chegar à hora marcada.

Precisamente num desses comboios embarcou naquele dia uma escritora chamada M., na esperança de chegar ao seu destino depois da hora — de modo que os campos amarelentos na janela, e a rede fixada às costas da cadeira, alguém lá tinha colocado uma lata de coca-cola, e assim a deixou, e o viajante da cadeira ao lado era mensageiro do atraso, inevitável atraso. Os comboios comportavam-se agora de uma maneira como se fossem seres vivos, sem necessidade de cuidados, e só havia que ter esperança na boa vontade deles, vagamente diferente da boa vontade humana. E também os condutores passaram a ser de repente muito menos numerosos, de modo que quem quisesse podia viajar até muito longe, sem mostrar o bilhete, como se ninguém tivesse nada com isso.

Mas a escritora M. estava a viajar de um país para outro, confiante em que, se não fosse um comboio, seria outro, que a leva-

ria aonde precisava. Além disso, ela estava munida de bilhete, e de um lugar cuidadosamente reservado, e com uma sandes vegetariana comprada na estação, num bom quiosque, onde o pão era fresco e o café forte. Ouvira dizer em qualquer parte que, para criar para si próprio um bom hábito seguro e firme, basta repetir doze vezes uma mesma acção. Por exemplo, à tarde, depois do trabalho, entras num café com vista para o rio e aí bebes uma taça de vinho branco, sem fazer nada de especial, mas à décima terceira vez o hábito vem à superfície, como o focinho da foca à superfície da água, e tu transformas-te numa outra pessoa, nova — aquela pessoa que se senta ali todos os dias, sem saber porquê, mas à espera de que, juntamente com uma gota de vinho na boca, surjam palavras, úteis para uma nova vida.

No fim de contas, pensava por vezes a escritora M., diz-se que o corpo humano tem o hábito de substituir em sete anos todas as células do seu corpo por outras novas, de modo que ao fim de cada sete anos a pessoa acorda outra, sem dar por isso, e só por inadvertência continua a considerar-se um ser conhecido e previsível. Por outro lado, continuava ela a pensar olhando pela janela com irritação, desviando-se do vizinho com o seu jornal muito aberto, seria possível considerar esse comportamento do corpo um hábito genuíno, se na maioria dos casos ele não consegue substituir as suas células doze vezes seguidas? Na décima terceira vez, calculava M., já terás noventa e sete anos, raro sucesso no organismo humano, e nessa idade a pessoa deve involuntariamente tornar-se alguma coisa diferente, um punhado de cinzas numa lata ou numa caixa padrão com um conteúdo sobre o qual não queremos pensar.

Mas à estação central conseguiu chegar doze e mesmo catorze vezes. Quer dizer, o seu desejo de ocupar um lugar atrás dos outros viajantes matinais que estavam na bicha para o café e pacotinhos de papel com qualquer coisa tépida e comestível, precisamente naquele quiosque, e não no quiosque ao lado, poderia ser considerado não já um capricho, mas um hábito, e ela própria é uma mulher que sabe o que quer e com mão ousada coloca o copinho de cartão com o café no espaço especial, para não quei-

mar os dedos, e o tapa com uma tampinha da medida justa. Para a escritora M., que vive nesta cidade não há muito tempo, a precisão dos movimentos e o conhecimento da sua futura trajetória (para baixo, para o subterrâneo, para a quinta via se vai para norte, e para a primeira, se vai para sul) tinham agora uma importância especial e como que lhe certificavam que tinha um lugar tanto no comboio por que esperava, como no caminho para ele, e na nova vida para a qual ainda não conseguira preparar-se inteiramente.

De resto, a julgar pelo número de vezes que teve de viajar para qualquer parte para trabalhar como escritora, noutras cidades e noutros países, e depois regressar de lá, puxando da prateleira, com um movimento, a leve maleta, ela tinha precisamente um lugar nesta vida — e até muitos lugares, em cada um dos quais as pessoas queriam interrogá-la acerca dos livros que escreveu em tempos, e depois, com muito mais interesse, fazer-lhe finalmente perguntas sobre o país de onde ela viera. Esse país estava agora em guerra com outro, vizinho, a matar os habitantes deste com armas de fogo, fogo do céu, com as suas próprias mãos, e não conseguia nem vencer, nem reconciliar-se, nem conformar-se com o facto de que o outro não se deixa comer. Por vezes, com bastante frequência, ele também arranjava tempo para matar os seus próprios habitantes, que, pelos vistos, lhe pareciam os seus próprios órgãos — enfurecidos, perigosos, rejeitando a vontade e a comida. A cidade estrangeira em que M. vivia agora estava cheia de fugitivos dos dois países — e aqueles que atacavam os seus compatriotas, olhavam para os antigos vizinhos com horror e desconfiança, como se a vida antiga, qualquer que ela fosse, deixasse de significar alguma coisa e apenas mascarasse o parentesco com a besta, que continua a devorar.

Muitos dos habitantes locais desejavam naturalmente saber mais acerca da besta, não apenas para se resguardarem da sua abominável goela, mas também porque os grandes carnívoros sempre nos interessam, a nós, herbívoros, aos quais é difícil explicar de onde vem a violência e como funciona. Interrogavam a escritora M. acerca dos hábitos dele com intensa simpatia, como

se também ela fosse mordida e até em parte roída e só por casualidade tivesse ficado estendida nas ervas, relativamente intacta. Alguns queriam compreender como acontecera que a besta ainda não tivesse sido morta ou não se tivesse devorado a si própria na sua incessante avidez, e insinuavam que M. e as pessoas que ela conhecia no seu país deviam ter tomado medidas oportunas muito antes de que ela crescesse e os começasse a devorar todos.

M. estava inteiramente de acordo com isso, mas tinha certa dificuldade em explicar aos seus interlocutores que a própria natureza da besta tornava complicada a caça ou a batalha contra ela. A besta, estão a ver, não estava à minha frente nem atrás de mim, podia M. dizer, ela está sempre à minha volta — de tal modo que demorei anos a compreender que vivia no interior da besta, e talvez tenha nascido dentro dela. Vocês lembram-se daquele conto, continuou ela em silêncio, em que um velho e um rapazinho de madeira estão sentados diante de um coto de vela de sebo, no interior de um monstro marinho? Eles talvez pudessem causar-lhe algum incómodo — por exemplo, saltar para cima e para baixo dentro da barriga dele ou até acender ali uma fogueira. Mas a questão é que a desconformidade das dimensões não nos permite causar à besta nenhum dano substancial, sem falar já de acabar com ela; tudo o que se pode esperar é que alguma vez ela comece a ter enjoos e a pessoa, sem saber como, vem parar ao exterior e, pela primeira vez, pode ver distintamente que o quarto em que passou tantos anos era na realidade uma pança. E eu própria era, afinal, uma parte da besta, ainda que engolida por casualidade ou ali crescida por engano — e compreendo muito bem que isso torne a minha experiência prejudicial, e o conto não inspire confiança. Mas se for preciso, estou disposta a prestar contas do mobiliário interior do ser de onde não há muito saí para terra firme.